

Educomunicação Socioambiental: Um estudo de seus pontos de intersecção¹

Jaqueline Michele da Silva Braz²
Monique de Souza Sant'Anna Fogliatto³
Benedito Dielcio Moreira⁴

Resumo: Este artigo discute a relação de alunos de uma escola do campo do Estado de Mato Grosso como a temática ambiental. Para a produção deste texto, utilizamos as respostas de seis questões de um amplo questionário sobre consumo mediático, aplicado junto aos alunos participantes do projeto “Educomunicação, ciência e outros saberes: um estudo do trabalho colaborativo em narrativas transmidias”. Como objetivos, buscamos compreender os meios utilizados para obtenção de informações, os assuntos mais comentados e com quem e em quais locais esses assuntos são discutidos. Foi possível perceber que a temática meio ambiente não é um tema de interesse para a maioria dos alunos, assim como são lembradas catástrofes ambientais com perdas de vidas humanas. a importância da educomunicação socioambiental como forma de construção de uma nova relação de cooperação entre alunos e professores.

Palavras-chaves: Educomunicação, Educação Ambiental, Jovem, Mídias.

Introdução

O projeto Educomunicação, Ciência e Outros Saberes: um estudo do trabalho colaborativo em narrativas transmidias é realizado em sete escolas do Ensino Básico do Estado do Mato Grosso. Quatro são escolas do campo, localizadas no entorno da Capital do Estado, Cuiabá, abrangendo um raio de 150 quilômetros do centro da cidade e três são escolas urbanas. Neste

1. Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 19 a 21 de maio de 2016.

2 Graduanda do quarto semestre de Comunicação Social, habilitação em jornalismo, pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail:jaquelinebraz.5@gmail.com

3 Graduanda do quarto semestre de Comunicação Social, habilitação em jornalismo, pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail:moniquefogliatto@gmail.com

4 Orientador do trabalho e professor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso. Email: dielcio@hotmail.com

artigo tratamos exclusivamente de uma das escolas de campo, onde atuamos pelo menos uma vez por semana, durante quatro meses, com alunos e professores envolvidos com o projeto.

A proposta básica deste projeto de pesquisa e intervenção é promover o trabalho colaborativo entre alunos e professores em ações mediadas pelas tecnologias digitais, em especial o aparelho celular. Para instalar a prática do trabalho colaborativo foram oferecidas diferentes oficinas para alunos e professores, tais como de produção de vídeos, fotografias, áudios e textos, além do domínio de aplicativos disponíveis para celular. Todas as atividades envolvem três eixos básicos, meio ambiente, história e arte e tecnologia, por meio das quais é possível trabalhar tanto de modo interdisciplinar como valorizar os saberes populares e a cultura científica.

Ao longo do trabalho surgiu-nos a inquietação de saber sobre o consumo midiático dos alunos, sobretudo no que diz respeito ao meio ambiente. Era esperado que, devido à localização da escola, em área rural, a difusão da educação ambiental fosse mais intensa. Buscamos também compreender se as mídias, das tradicionais às digitais, estavam presentes no contexto da escola.

Todos os 63 alunos envolvidos no projeto responderam a um longo questionário sobre a presença das mídias na escola, em suas casas e o uso de dispositivos móveis, bem como os seus hábitos de consumo midiático. Como dito anteriormente, na análise dos questionários nos dedicamos a refletir sobre as seis questões que buscavam compreender quais os conteúdos despertavam o interesse dos jovens.

Procedimentos Metodológicos

Dentre as questões presentes no questionário, foram selecionadas seis que relacionam o uso de meios de comunicação para a apreensão de informações, os assuntos mais impactantes e as pessoas que participam da discussão desse tipo de assunto com os alunos. Assim, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: 1. Compreender se existe interesse sobre questões ambientais por parte do jovem; 2. Se tais abordagens existirem, quais são os sujeitos com quem tais assuntos são comentados; 3. Quais assuntos são elencados pelos jovens como acontecimentos midiáticos marcantes; 4. Se o comentário se restringir à sala de aula, com a figura do professor, compreender o porquê de o assunto não ser pauta no ambiente doméstico ou com amigos e familiares ou vice-versa; 5. Compreender se existe uma relação nas respostas dissertativas dos alunos envolvendo questões relacionadas à comunicação e à educação ambiental

Conflitos ambientais e educação ambiental

A problemática ambiental é fruto de um olhar contemporâneo sobre a atual condição do ambiente habitado por diversos indivíduos, reunidos em sociedade, sendo resultado da interação entre eles. O fato é que essa relação assumiu nova dimensão na medida em que aconteceram mudanças nos sistemas econômicos em determinados períodos históricos, ocorridas simultaneamente em diferentes partes do país.

De acordo com o historiador José Augusto Pádua (2002, apud Sato, Jaber, Silva, Quadros e Alves, 2013, p.28), tomando como base o período de descoberta do Brasil: “Aos olhos dos europeus (...) os biomas brasileiros pareciam como horizontes praticamente sem limites e os elementos da natureza como inesgotáveis”. O fato é que essa exploração não se restringiu ao momento conhecido como descobrimento/colonização, sendo simultâneo de acordo com o sistema econômico vigente da época, e não restrito a uma porção específica do território.

Assim é perceptível a mudança empreendida na relação entre homem e natureza sob a ótica do desenvolvimento e avanço das fronteiras. O ser humano não mais priorizava a harmonia, em que retirava apenas aquilo de que necessitava do meio em que residia, mas colocava como prioridade a ótica comercial desenvolvimentista, voltada para o lucro.

Apesar disso, preocupações acerca das consequências da interação exploratória entre indivíduo e meio ambiente surgem a partir da década de 1960, com a publicação da obra de Raquel Carson, escritora e ecologista norte-americana, intitulada “Primavera Silenciosa”. Nesta obra a autora aborda o risco para o meio ambiente a partir da utilização de pesticidas e defensivos agrícolas. Porém, o fato ganha maior amplitude, sendo debatido em nível mundial, a partir da Conferência de Estocolmo, em 1972, evento ocorrido na Suécia e que reuniu 113 países para discutir aspectos relevantes sobre meio ambiente.

É a partir desses eventos, que culminou na chamada “Revolução Ambiental”, teve como palco o final do século XX. Esse momento se caracterizou como o primeiro passo para que a população, em âmbito global, compreendesse a finitude dos recursos naturais e, conseqüentemente, os efeitos nocivos que poderiam acarretar o fim da espécie humana (BERNARDES FERREIRA, 2012, apud Jaber e Sato, 2012).

Neste momento, pode-se compreender o que Roosevelt (2004, 2014) conceitua de “percepção ambiental”. Segundo o autor, este seria o momento em que o homem tomaria consciência do ambiente em que vive e, conseqüentemente, iniciaria o processo de conservação e proteção dele, compreendendo o meio ambiente como um espaço de bem público e que caberia à coletividade o dever de zelar por ele.

É preciso destacar que essa relação desarmônica existente entre o homem e o meio ambiente esbarra em questões ainda mais complexas, se levarmos em consideração as particularidades de cada povo que habita porções específicas do território brasileiro. Assim, surgem os conflitos socioambientais.

Como conflito, Houaiss e Villar (2009), conceituam como aquele que ocorre quando dois ou mais indivíduos têm interesse sobre um mesmo objeto. Porém, é preciso destacar a separação existente entre impacto ambiental e conflitos ambientais, compreendendo que os primeiros são as causas do segundo. O fato é que o campo de estudo dos conflitos socioambientais é renegado, uma vez que predomina a visão separatista e antagonista existente entre meio ambiente e desenvolvimento.

Trazendo essa realidade de impactos ambientais para o estado de Mato Grosso, podemos compreender com mais clareza a importância da promoção de um ensino voltado para a educação ambiental nas escolas, ainda que a escola carregue o estereótipo de apenas tratar temas ambientais com superficialidade, colocando nos estudantes a responsabilidade de mudar um quadro estagnado há décadas. (SATO, 2013)

A partir desse aspecto, pode-se perceber o papel essencial desempenhado pela educação ambiental no ambiente escolar, ao abordar temas como coleta seletiva e discutindo discursos sustentáveis, muitos deles isentos de criticidade a respeito da responsabilidade do modelo econômico. O ato de inserir o ensino de educação ambiental no ambiente escolar ainda contribui para fazer da escola, além de um espaço de interação social, um meio propício a discussões no que tange os mais diversos temas sociais. Dessa forma, considerando o conceito de interação social e a proposta de formação de cidadãos capazes de interferir e interagir com o espaço em que vivem, a comunicação se faz essencial para que sejam feitas mudanças no modo com que a sociedade enxerga o meio em que vive.

Assim, é preciso deixar clara a importância da comunicação para se destacar um novo olhar sobre a educação ambiental. É preciso olhar professores e alunos como sujeitos participantes de uma mesma relação, que cooperam entre si para o estabelecimento de novas formas de se pensar e colocar em prática a educação ambiental, para que saia do senso comum, em que somente os jovens são os responsáveis pelas transformações no ambiente em escala maior. Armand e Michèle Mattelart (1999) propõem uma associação contundente sobre a relação entre o campo da educação e comunicação, corroborando com a ideia exposta anteriormente, na medida em que a comunicação se caracteriza como

campo de observação científica que, historicamente, se inscreveu em tensão entre redes físicas e imateriais, entre o biológico e o social, a natureza e a cultura, os dispositivos técnicos e o discurso, a economia e a cultura, as perspectivas micro e macro, o local e o global, o ator e o sistema, o indivíduo e a sociedade, o livre-arbítrio e os determinismos sociais. (MATTELART e MATTELART, 1999, p.10 apud SARTORI; SOARES, 1999p.10).

Educomunicação

O interesse pela discussão sobre mídia e educação teve seu auge por volta dos anos 1950, na Europa, Estados Unidos e Canadá. O interesse se deu pelo fato da crescente importância que a mídia vinha assumindo na sociedade. Nos anos 60, a expressão “educação para as mídias” ou “mídia-educação” começou a surgir em organismos internacionais, particularmente na Unesco (BÉVORT e BELLONI, 2009). Em 1970, a Unesco faz uma tentativa de definição do termo, porém deixa de lado a ferramenta pedagógica, o que veio a se desenvolver a partir de 1970 na América Latina, com Kaplún (BÉVORT e BELLONI, 2009). Mais recentemente, o Seminário Internacional sobre Comunicação, realizado em outubro de 1999, em Bogotá, Colômbia, é considerado um marco para a sua conceituação. No Brasil, também em 1999, o Fórum sobre Mídia e Educação, promovido pelo Ministério da Educação, apontava o crescimento do campo de comunicação (MOREIRA E SILVA 2013 apud SOARES 2011).

Os jovens estão completamente inseridos nesse contexto das mídias e manuseiam as tecnologias de informação com grande facilidade. O produto midiático consumido pelo jovem tem impacto nas suas vivências e na maneira que ele interage com o ambiente. As mídias acompanham as crianças e jovens em seu desenvolvimento. Tal qual é crucial o aprendizado de

matérias escolares formais ao longo do seu crescimento, a compreensão e reflexão acerca das mídias também é importante.

A educação é realizada em várias esferas, sendo elas, social, familiar, escolar e midiático. As mídias são mais do que aparatos tecnológicos que ampliam nosso conforto ou espaços de informação e entretenimento; elas atuam em nossa cultura e nos educam (Silverstone, 2002). A educação para a comunicação traz para o estudante uma visão crítica dos meios de comunicação e o permite “lê-lo” por dentro, formando cidadãos conscientes do que consomem nos meios comunicacionais.

Em linhas gerais, a educomunicação tem dois caminhos, um destes é o método do professor utilizar em sala de aula exemplos midiáticos, trazer para a discussão e usar estes recortes como ferramenta de aprendizado. Esse posicionamento colabora na empatia e interesse por parte dos alunos nas aulas, devido ao fato de jovens e crianças já estarem inseridas no assunto, pois foi divulgado nos meios de comunicação. Outro caminho a ser trilhado é a utilização das tecnologias de informação na criação de conteúdo. A autonomia da comunidade escolar ao produzir informação e comunicação é um modo de democratização da produção de conteúdos midiáticos. Esse método contribui para promover autonomia, responsabilidade e novos saberes. O mais interessante é mesclar ambos os caminhos, para um resultado ainda mais satisfatório (MOREIRA E SILVA, 2013, p.116).

O ponto de intersecção da educomunicação com a educação ambiental está no fato de ambas terem um caráter interdisciplinar e transpassar todas as disciplinas. O nome que se dá para a junção dos dois é educomunicação socioambiental, e pode ser entendida como um conjunto de ações e valores que correspondem à dimensão pedagógica dos processos comunicativos ambientais, marcados pelo dialogismo, pela participação e pelo trabalho mútuo. Os objetivos da educomunicação para as políticas de meio ambiente são estimular e difundir a comunicação popular participativa no campo da educação ambiental brasileira, com o fim de fortalecer a ação educadora coletiva pela sustentabilidade. “Em suas essências, tanto a educomunicação como a educação ambiental compartilham dos ideais de uma educação integral e se situam como temáticas que perpassam todas as áreas” (MOREIRA E SILVA, 2013, p. 114).

Nessa perspectiva, buscando por um currículo mais dinâmico e de acordo com as necessidades contemporâneas, o MEC (Ministério da Educação e Cultura) estabeleceu em 2009,

o Programa Ensino Médio Inovador que contempla as chamadas atividades integradoras, e neste programa está contemplado a “Comunicação e o uso das Mídias”.

Análise

A partir do ano de 1992, o tema meio ambiente ganhou visibilidade no Brasil. O motivo disso foi a realização da reunião Rio – 92, organizada pelo ONU, que reuniu mais de 100 chefes de estado no Rio de Janeiro para discutir formas de desenvolvimento sustentável. No ano da realização do evento, como uma forma de preparar o país para as discussões sobre o assunto, surgiram os programas Globo Ecologia, na Rede Globo e o Reporter Eco, na TV Cultura. Com a popularização da internet, os espaços para discussão sobre o assunto se ampliaram em sites, blogs e redes sociais.

Para LAMBACH (2015 apud GIRARDI 2001, p.59) os meios de comunicação foram de grande importância para suscitar discussões e apresentar temáticas ambientais para a população, conhecimentos antes limitados às instituições científicas e cientistas. Por outro lado, há críticas pontuais feitas aos programas que tratam de meio ambiente. Inicialmente, pois poucos tratam especificamente do tema, e os programas que existem são transmitidos em horários que o grande público não acompanha, sendo em sua maioria entre 6 e 8:30 da manhã, com exceção da TV Cultura, que têm programas ambientais em diversos horários. Segundo a Jornalista Maria Zulmira Souza, criadora do programa ambiental Repórter ECO, em entrevista ao programa Ver TV, diz ser necessária uma mudança nos programas ambientais, tratando o assunto com mais profundidade e não de maneira fragmentada e eventual, abordando-o com uma linguagem mais atualizada e convidativa.

Na área rural, os sinais de transmissão de TV que chegam até eles são das emissoras mais populares, como Globo, Record e SBT, o que ocasiona o desconhecimento de canais educativos. Um motivo a mais que contribui para o fato dos jovens não consumirem canais educativos, segundo Moran (1994), é que o intelectual quer ensinar e educar, enquanto os donos dos meios querem divertir e entreter.

A resposta é dada claramente na relação dos espectadores com a televisão comercial com a televisão comercial e com as TV's educativas ou com programações culturais (MORAN, 1994. Pg.15)

Os jovens da escola do campo em que atuamos têm dificuldade de acesso à internet, devido ao sinal que chega de maneira precária até eles. A escola possui *wi-fi*, porém o sinal é insuficiente para atender a demanda dos professores e a senha não é disponibilizada para os alunos. Há na escola uma sala de informática com cerca de seis computadores para uso de professores e alunos.

Como dito anteriormente, fizemos um recorte do questionário principal aplicado durante o projeto educomunicação e selecionamos seis questões que tratam diretamente do consumo midiático dos alunos, como eles reagem, se comentam sobre o que assistem, leem e acessam. Para a análise, dividimos as perguntas em dois blocos, sendo as três primeiras perguntas em um primeiro bloco e as três últimas no segundo bloco. Em ambos os blocos cruzamos as respostas das perguntas. O nosso objetivo é identificar se os estudantes assistem, leem, acessam, tem interesse e se comentam sobre questões ambientais.

Responderam ao questionário 63 estudantes. A pergunta 18 do questionário “Quais programas você costuma assistir?” teve o total de 110 respostas. Nenhum aluno apontou programa com a temática ambiental. E os programas mais assistidos pelos alunos, segundo eles mesmos, são os telejornais. A questão 19 perguntava “Qual foi o programa de TV ou acontecimento que até hoje mais impressionou você, que te emocionou?”. Esta pergunta obteve 60 respostas. Um dos alunos que respondeu anteriormente que assistia a telejornais, agora relata que uma reportagem sobre o terremoto no Haiti o impressionou. Outros dois estudantes relataram casos ambientais que os marcaram: um citou a falta d’água e outro disse que o tsunami no Japão o comoveu, pois, segundo ele, “milhares de pessoas perderam casas e parentes”.

O questionamento da pergunta 20 é uma continuidade da pergunta 19: “Por que este programa mencionado foi o programa que mais marcou você? Entre em detalhes, fale do que você sentiu, sinta-se à vontade para escrever”. Nessa terceira pergunta deste 1º bloco, apenas um aluno que havia citado eventos ambientais verdadeiramente justificou sua resposta com as seguintes palavras: “O terremoto que aconteceu no Haiti foi muito marcante porque as imagens de pessoas mortas e outras desabrigadas; é muito triste.” Os outros dois alunos somente reafirmaram o que os marcaram com as seguintes respostas, “Falta d’água” e “Tsunami no Japão”.

O relato dos estudantes é um reflexo de como as mídias, mais especificamente a televisão como sendo o principal meio informativo, trata os temas ambientais. Dos 63 respondentes,

apenas três assinalaram questões ambientais em suas respostas. Os enfoques são em eventos ambientais extremos, como as catástrofes. Em suma, eventos localizados. Ao serem tratados de maneira fragmentada, não é possível ao telespectador formar uma conexão de saberes pois a informação se perde rapidamente dentre o mar de informações que o atinge cotidianamente. Observa-se nas respostas dos alunos que o tema ambiental toca os alunos quando está diretamente relacionado com o dano ao homem, ao ser humano. Bueno trata sobre os problemas que o mosaico informativo traz para o tema:

O saber ambiental tem sido penalizado pelo chamado mosaico informativo que caracteriza a produção midiática, que lhe retira a perspectiva integrada e sua dimensão histórica, contemplando-o a partir de fragmentos de cobertura que descartam o contexto, as conexões e, portanto, o verdadeiro ‘ethos’ deste campo (BUENO, 2007, p. 17-18).

É necessário pontuar a participação da escola na fixação de conteúdos ambientais. Para que a sociedade da informação seja democrática e inclusiva é preciso que os jovens tenham competência para compreender as informações que chegam até eles, devendo isso ser tratado em todos os níveis. (BÉVORT e BELLONI, 2009). Justamente pelo fato de ser necessário a discussão em todos os níveis, a comunidade escolar tem um papel crucial, tendo a oportunidade de tratar a educação ambiental e a educação para as mídias, reforçando um ao outro.

No segundo bloco de questões, a 1º questão é correspondente a pergunta 50 no questionário e aluno era livre para marcar diversas opções. Para melhor exposição da pergunta e respostas dos alunos, segue quadro:

Você comenta com alguém sobre os assuntos que lê em jornais, revistas e Internet, ouve no rádio, ou assiste na televisão? Se comentar, assinale com quais pessoas Você comenta:	Quantidade
Nãocomento	24
Comento com meu pai	18
Comento com minha mãe	19
Comento com meu(s) irmão(s)	22
Comento com amigo(s)	28
Comento com o (s) professor(es)	8
Comento com colegas de escola	17
Outros	3
Total	139

Quadro com pergunta e respostas, correspondente à questão 50 do questionário.

O dado intrigante nestes números é a quantidade de alunos que comentam sobre assuntos vistos nas mídias com os seus professores: apenas oito alunos, dentre os 63 que responderam ao questionário. Além de ser um número muito baixo, mostra a dificuldade de trocas entre alunos e professores em temas que fogem das disciplinas. Afunilando ainda mais, buscamos saber se algum dos alunos comentava sobre meio ambiente. Apenas um aluno disse conversar com professores sobre o tema, mais especificamente sobre falta d'água.

A questão 51 pede para os alunos citarem pelo menos 2 ou 3 assuntos que eles tenham lido no jornal, ouvido no rádio ou visto na televisão ou internet e que tenham comentado com as pessoas da questão 50. O total de respostas foram 110. Deste total, só oito respostas foram de cunho ambiental, sendo duas sobre a falta de água, duas sobre calor demais, um sobre terremoto no Chile e um sobre aquecimento global.

Na pergunta 52 foi pedido para os alunos responderem porque estes assuntos foram comentados. Analisando as explicações das oito citações sobre meio ambiente da questão passada, a explicação deles foi pouco desenvolvida, sendo que dois não justificaram porque comentaram sobre o tema. O aluno que citou a falta d'água como assunto comentado, justificou dizendo que falou acerca disso, pois ninguém sobrevive sem água.

O Outro aluno que comentou sobre isso, não justificou sua resposta. Sobre uma das respostas, o calor demais, o estudante disse não saber porque falou sobre isso e a outra resposta a respeito do calor não foi justificada. As justificativas sobre o terremoto no Chile e o aquecimento global foram mais elaboradas, porém não aprofundadas no assunto ambiental. O primeiro justificou dizendo que as pessoas precisam ficar por dentro do que está acontecendo e o segundo diz comentar porque é o que está acontecendo na nossa cidade.

Considerações finais

A análise das questões utilizadas como objeto deste artigo demonstra a importância que os meios de comunicação, principalmente a televisão, exercem no cotidiano dos jovens, uma vez que ela se caracteriza como o principal modo de acesso às informações. O fato torna-se mais

relevante ao considerarmos que o acesso à internet é precário e o acesso por dados móveis é praticada somente por poucos alunos e dificultado pela frequência do sinal da operadora.

Foi possível perceber pelas respostas obtidas a pouca expressividade de assuntos relacionados ao meio ambiente no cotidiano dos jovens, fato relevante se considerado o meio em que eles habitam: o rural. Somado ao fato da pouca expressividade, foi possível perceber que os assuntos comentados pelos alunos, principalmente entre os amigos e familiares, traziam questões em âmbito global. Neste sentido, as questões ambientais entram no rol de temas perecíveis, permanecendo apenas na lembrança de alguns jovens aqueles eventos com impacto humano mais determinante.

Embora a amostra não seja quantitativamente relevante, apenas 63 alunos, merece ser destacado a importância de se estabelecer a educomunicação socioambiental no ambiente escolar de maneira a modificar a antiga visão de que o cuidado com o meio ambiente se restringe a ações como coleta seletiva, por exemplo. A inclusão tecnológica no processo educativo é um ponto importante a ser repensado na estrutura pedagógica atual, considerando o fato de que, ainda que limitada pelo contexto da escola analisada, o uso de tecnologias possibilita novas formas de apreensão do conteúdo regular previsto no plano pedagógico.

Da mesma forma, e considerando que os alunos chegam à escola com diferentes tipos informações, é preciso pensar em atividades colaborativas entre professores e alunos para que eles possam se aproximar e se tornarem interlocutores mais frequentes, debatendo temas que estão para além das disciplinas, mas totalmente conectados com a vida em comunidade, em sociedade. É preciso se adotar um modelo de educação cooperativa, em que alunos e professores atuem conjuntamente com a tecnologia, utilizada cotidianamente pelos jovens, a fim de permitir a construção do conhecimento de maneira coletiva.

Referências Bibliográficas

- BÉVORT E.; BELLONI M. L. Mídia-Educação: Conceitos, História E Perspectivas. Educ. Soc., Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009 1081
- BONA, N.; CONTEÇOTE, M. L.; COSTA L. Kaplún e a Comunicação Popular. Anuário Unesco/Methodista de Comunicação Regional, Ano 11 n.11, 169-184, jan/dez. 2007

BUENO, W. da C. Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente: teoria e pesquisa. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007.

HOUAISS A. VILLAR, MS. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Objetiva; 2001. conflito.p. 797.

JABER, Michelle Tatiane ; SATO, Michèle . Mapeamento dos conflitos socioambientais de Mato Grosso: escala de resistência e ritmos de esperanças. 1. ed. Cuiabá: UFMT, 2012. v. 1. 56p

LAMBACH, H.F. O Conceito de sustentabilidade nas notícias do jornal Valor Econômico (2000-2012), Curitiba, 2015 disponível em

<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/39478/Higor%20Lambach.pdf?sequence=1&isAllowed=y> acesso em 15/03/2016

MORAN, J.M. Educação, comunicação e meios de comunicação. Série Ideias n.9. São Paulo: FDE, 1994.p.13-17

MOREIRA,B.D.;SILVA,M.L. A educomunicação e a educação ambiental no espaço escolar. In: SATO, M; GOMES G.; SILVA,R. Escola, Comunidade e Educação Ambiental: Reiventando sonhos, construindo esperanças. Cuiabá,2013.

ROOSEVELT, Fernandes S. et al. Uso da Percepção Ambiental como Instrumento de Gestão em Aplicações ligadas às Áreas Educacional, Social e Ambiental. **Rede Ceas**. [entre 2004 e 2014] Disponível em < http://www.redeceas.esalq.usp.br/noticias/Percepcao_Ambiental.pdf. >Acesso em: 20 de março. 2016.

SATO,M.; JABER,M.T.; SILVA, R.A. da ; QUADROS, I.P. ; SILVA, M.L. A.. Mapeando os territórios e as identidades do estado de Mato Grosso, Brasil. 1. ed. Cuiabá: UFMT, 2013. v. 1. 198p

SATO, M; GOMES G.; SILVA,R. Escola, Comunidade e Educação Ambiental: Reiventando sonhos, construindo esperanças. Cuiabá,2013.

SARTORI, A. S.; SOARES, M. S. P. CONCEPÇÃO DIALÓGICA E AS NTIC. São Paulo: Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP, 2005